



Jornalismo narrativo latino-americano: o Comprometimento como característica e potência

Laura Alpi Coutinho¹

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo: o presente artigo aproxima a perspectiva da Alteridade (BAKHTIN, 2009) no jornalismo, pelo viés da Outridade (FREITAS; BENETTI, 2017), ao conceito de Comprometimento (AMAR SÁNCHEZ, 1986) propondo uma reflexão acerca do jornalismo narrativo desenvolvido por jornalistas no cenário latino-americano entre os anos 1950 e 1960. A narrativa jornalística é vista aqui como possibilidade de mudança social ao convidar para a reflexão sobre o reconhecimento do Outro e como esse gesto afeta o narrar. A inquietação diante do silenciamento do Outro e a percepção das injustiças sociais, fez com que jornalistas como Antonio Callado, Gabriel García Márquez, Rodolfo Walsh e Elena Poniatowska experimentassem um modo específico de olhar e relatar em suas obras de jornalismo literário.

Palavras-chave: Jornalismo narrativo; Jornalismo literário; América Latina; Comprometimento; Alteridade.

1. Articulações a partir da teoria Bakhtiniana

As narrativas podem ser percebidas como produtos de uma soma entre o ato de narrar algum evento, seja ele factual ou não, e a sua representação a partir da visão daquele que narra. O enfoque perpassa o contar algo para alguém, desenvolvendo uma relação entre o narrador, o fato narrado e o leitor - aqui considerando as narrativas escritas. A partir disso, convém tomá-la como um espaço em que podemos praticar a

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Pesquisadora do Resto - Laboratório de Práticas Jornalísticas (CNPq/UFSM). E-mail: lauraalpicoutinho@gmail.com

necessidade humana de compartilhar experiências tornando-as não somente públicas, mas, sobretudo, coletivas.

O jornalismo em sua expressão narrativa, como prática de relatar acontecimentos, de registrá-los e aprofundá-los, apresenta os intervalos entre o fato e seus desdobramentos, assim como a narrativa histórica e a literária. Desta forma, entendo que considerá-lo como movimento que somente emprega técnicas específicas é limitar o potencial narrativo do jornalismo.

Por isso, escolho interpretá-lo como fenômeno marcado pela pluralidade, imbricado pelas conjunturas sociais e culturais, moldado pelo cenário histórico. Sendo assim, convido você leitora ou leitor, a considerar o jornalismo não apenas como uma narrativa destinada ao repasse da informação, mas também como uma oportunidade de encontro entre os mundos do jornalista, da informação/acontecimento e o mundo daqueles que acessam essa informação. Após observar o jornalismo como narrativa, é possível analisar a potencialidade da reunião entre essa prática e as técnicas empregadas na narrativa literária. Essa fusão apresenta duas características centrais referentes à produção: a captação de informações – com apuração dos fatos – e a composição do texto em si, valendo-se de recursos literários. Na apuração é comum a prática de imersão no ambiente no qual se desenrolaram os fatos, além da busca pela aproximação e interação para com as personagens, com o fim de captar gestos, ações, características específicas garantindo ao texto mais riqueza de detalhes, ou seja, mais informação. Em relação à redação, o foco é a produção de reportagens capazes de apresentar histórias em profundidade, com o uso da licença poética da literatura para deixá-las mais atraentes ao leitor, como a presença da subjetividade para promover a criatividade no jornalismo.

A narrativa é integrada por vozes, seja do narrador ou dos personagens. São elas que organizam o enredo e que, principalmente, dão a tonalidade do acontecimento narrado. Nas narrativas jornalísticas, as vozes são comumente chamadas de fontes, contudo, aqui, elas vão além, pois abrangem também as vozes do jornalista, das pessoas acessadas na apuração (já que suas informações são incluídas na narrativa mesmo que

eles não sejam personagens diretamente participantes do acontecimento), do veículo de comunicação e do leitor, por exemplo.

Essa diversidade de vozes é chamada por Mikhail Bakhtin de Polifonia. O conceito foi proposto pelo pensador russo em suas análises (2009) sobre as obras de Fiodór Dostoiévski, no intuito de demonstrar como a construção das personagens e a atuação dos narradores eclodem em um contexto com a apresentação de distintas miradas sociais. Cabe ressaltar que para Bakhtin (2006a) a questão central da Polifonia não é somente a quantidade de vozes, mas a origem dessas vozes diversas, suas diferenças sociais e visões de mundo únicas.

Polifonia é proposta por Bakhtin como um conceito oposto ao autoritarismo do autor, pois para que existam distintas vozes sociais o autor precisa estar disposto a essa abertura, a esse diálogo entre o que por ele é dito, e o que as vozes dizem. “No enfoque polifônico, a autoconsciência da personagem é o traço dominante na construção de sua imagem, e isso pressupõe uma posição radicalmente nova do autor na representação da personagem”. (BRAIT, 2007, p. 193).

Por consequência, compreendo a Polifonia mais como uma demanda social ao texto jornalístico, pois quanto mais vozes distintas o jornalista alcança, mais pontos de vista são contemplados, permitindo ao leitor uma visão ampla do acontecimento, podendo desenvolver suas próprias interpretações acerca do fato. Além disso, no que refere-se à literatura, a Polifonia não contempla somente a pluralidade de vozes pela perspectiva estética, de uma história bem contada, com uma gama de personagens, mas, sobretudo, como possibilidade de deslocamento, que, ao meu ver, dificilmente é alcançado no texto jornalístico convencional devido ao espaço limitado da notícia.

Esse deslocamento no jornalismo narrativo, comumente empregado nos escritos literários como uma reviravolta no enredo - atualmente conhecido como *plot twist* - se dá no momento em que o jornalista vai até a realidade, acessa as chamadas fontes, e ao retornar para o texto ele possibilita que essa pessoa que compartilhe sua visão, sua interpretação, sem que o jornalista a molde para que essa fala se encaixe no texto - prática de busca de *aspas* vista recorrentemente em dissertações de veículos de

comunicação. Ou seja, o jornalista não detém todo o poder de orientar a narrativa, pois ele ainda a está conhecendo. É na inter-relação entre as vozes - das fontes e do jornalista - que o enredo é construído.

O teórico russo indica que essa inter-relação, que enriquece a trama, só é possível em uma narrativa na qual exista abertura para a existência dessa gama de vozes. Já que é nesse encontro entre as vozes, com suas concepções de mundo singulares, que um percebe o Outro. Bakhtin explica que em um romance é essa presença e relação com o Outro que torna “possível para mim a alegria do encontro, a permanência com ele, a tristeza da separação, a dor da perda, posso me encontrar com ele no tempo e no tempo mesmo separar-me dele, só ele pode ser e não ser para mim”. (BAKHTIN, 2006a, p. 96).

Essa relação entre os sujeitos, essa percepção do Eu, do Outro e da coexistência entre nós no mundo é permeada na narrativa pela interdependência entre as vozes, e é essa interdependência reconhecida que é chamada de Alteridade. Assim sendo, somente com a Polifonia e o diálogo na narrativa se torna possível pensar e fazer trabalhar a Alteridade.

Alteridade, para Bakhtin, é um movimento dialógico, inter-relacional, em que um ser se reflete no Outro, e assim se constituem mutuamente. “Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro” (BAKHTIN, 2006a, p. 341). Essa percepção do eu, a partir do Outro - e o inverso também - não ocorre só na constituição do quem eu sou é aquilo que o Outro não é, mas provoca alterações, mudanças no eu, ou seja, quem eu posso vir a ser. Em seus escritos (Bakhtin, 1997), o teórico russo indicou que esse processo de Alteridade se consolida socialmente por meio de interações, com destaque para as verbais. Por isso, a Polifonia é essencial para que se desenvolva a Alteridade, pois em um contexto de autoridade na narrativa, por exemplo, não há presença de outras vozes

para que um confronto o eu a partir do Outro, não ocasionando a compreensão identitária desse eu e muito menos sua mudança.

As narrativas podem ser espaços de Alteridade se possibilitarem a aproximação de distintos seres sociais. Bakhtin (2006b, p. 115) explica que é por meio da palavra que um se define em relação ao Outro e, em uma última análise, esse um acaba por se definir em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte que conecta o eu e o Outro, ou seja, um território comum entre aquele que fala/escreve e aquele que escuta/lê.

O jornalismo, entendido como narrativa, é uma forma de expressar pela linguagem as relações sociais diante de um acontecimento. O jornalista, como aquele que apura, interpreta e relata, precisa buscar nos atores sociais as informações para a estruturação da notícia, a qual será acessada por leitores, os quais por sua vez confrontam as informações a partir de suas perspectivas de mundo. O jornalismo pode ser compreendido como uma sequência de encontros entre o eu e o Outro, ou seja, um exemplo de exercício da Alteridade². Cabe ressaltar que

não é apenas à relação do sujeito-enunciador (jornalista) com o sujeito intérprete (público) que se destina a alteridade no jornalismo. Existe um processo relacional maior que a incorpora e no qual a condição de “outro” é grifada no plural. Nesse caso, os “outros” são as fontes, os leitores reais e os leitores imaginados, os “outros” narrados e idealizados pelo discurso jornalístico, os “outros” membros da comunidade profissional e, numa amplitude organizacional, os “outros” veículos. Afirmamos também que, na projeção de si mesmo no texto, o “autor real” assume a posição do “autor imaginado” ou ideal, passando a ser um “outro” para ele mesmo. (FREITAS, 2017, p. 48).

Esse encontro torna os Outros visíveis para o eu, e assim se colocam duas possibilidades: a assimilação e a diferenciação. Independente do caminho de percepção

² Me inspiro na aproximação e articulação entre Alteridade e Jornalismo estudadas por pesquisadores como Medina (2006), Künsch (2014) e Marcondes Filho (2008), os quais compreendem, em suas investigações teóricas, a prática comunicacional, e conseqüentemente o jornalismo, como um espaço de encontro com o Outro e compreensão do nós a partir dessa relação. Medina (2006, p. 55) pontua o diálogo como possibilitador de relações sociais efetivas e da mudança na interpretação da realidade pelos jornalistas. Enquanto Künsch (2014, p. 24) propõe a compreensão como método e caminho para a Alteridade na Comunicação. E Marcondes Filho (2008, p.8) explica a comunicação como um encontro com o Outro que provoca transformações em mim.

feito pelo eu, existe uma troca entre os sujeitos. É nessa troca, pela qual nos é possível descrever o mundo, que ocorre a construção do ato comunicacional, e assim sendo, compreendo a Alteridade como fundamental para o jornalismo.

2. Comprometimento e Outridade

O conceito de Comprometimento é empregado pela pesquisadora argentina Amar Sánchez (1986) em seus estudos sobre o jornalismo narrativo de Rodolfo Walsh no livro *Operação massacre* (1956). Sánchez indica que Walsh apresenta um jornalismo conectado a uma causa social, e que utiliza a literatura para abordar de forma aprofundada fatos de relevância, exercendo, assim, a ação política via jornalismo narrativo. De acordo com a pesquisadora, a produção de Walsh

[...] está inserida em um projeto muito mais amplo do que o estritamente literário de construir um tipo de romance como uma resposta alternativa a um realismo já desgastado; Envolve planos tão abrangentes como o do papel do intelectual nos países latino-americanos, a relação que une a prática literária com a política. (AMAR SÁNCHEZ, 1986, p. 431, tradução da autora).

Penso, todavia, que o Comprometimento, dentro do híbrido de jornalismo e literatura, vai além de apontar desigualdades, uma vez que avança para tentar compreender os questionamentos que instigam a investigação empreendida e sabem necessária a busca pela reflexão do público leitor. A compreensão do Comprometimento se estende a três instâncias: (1) a intervenção do intelectual diante do fato, ou seja, a ação do jornalista; (2) a representação da voz dos sujeitos subalternos no texto, visando demonstrar a perspectiva dos setores sociais marginalizados; e por fim, (3) os questionamentos e reflexões que são apontadas pelo jornalista aos leitores, abarcando assim o estímulo à mudança social.

Amar Sánchez (1990, p. 451, tradução da autora) entende que “o texto funciona como uma instância transformadora que atua entre os eventos e o leitor: longe de ser um relato breve, objetivo, leva-o ao centro do que aconteceu, permite-lhe acompanhar o jornalista, que vê todos de perto e se sente envolvido nos acontecimentos”. Além do

posicionamento comprometido, é possível perceber, nos escritos dos jornalistas analisados, a postura que assumem diante do Outro, por meio do acercamento e pela busca da compreensão de quem o Outro é e, assim, como ambos são. A comunhão da experiência, desse modo, remete a um entendimento da Outridade por essa articulação “eu-outro”, abrindo um interessante campo de desafios, mas também de possíveis vias de acesso e ação.

Cremilda Medina (2006) estabelece essa discussão para a reportagem pela proposta interdisciplinar de entender o jornalismo pelo “signo da relação”. Segundo ela, essa sensibilidade da relação é estímulo a uma inteligência plena que organiza a acolhida, as ideias, a expressão para transmutar o estado das coisas do mundo. Nos escritos da pesquisadora brasileira há um esforço em compreender as possibilidades da narrativa alargada e permitir pensar a estética aberta da reportagem, inscrita no contexto social e na riqueza da oratura, ou seja, costurada com os “falares de seus protagonistas”. Assim, inclusive tendo em vista as contribuições do próprio campo do jornalismo narrativo, entende o desafio para o jornalismo não é apenas a experimentação linguística ou imagética: “A linguagem não se entregava à sedução pela forma, mas às necessidades da realidade e do protagonismo social contemporâneos”. (MEDINA, 2014, p. 41).

Na defesa de seu pensamento sobre a narrativa do jornalismo, argumenta: “A ação social se faz presente: a narrativa se cumpre tanto na espiral dos afetos quanto na esfericidade dos argumentos” (MEDINA, 2014, p. 47), defendendo uma produção jornalística que se assina na escritura intertextual com a cultura. Ao longo dos diferentes textos da autora pode-se perceber movimentos para dar conta da problemática que ela denomina de déficit de abrangência das narrativas jornalísticas (MEDINA, 2008), o que requisita procurar elementos que permitam novos espaços de entendimento sobre nossos objetos.

Por isso, visando alcançar a noção de Comprometimento no marco do jornalismo narrativo na América Latina, é possível acercar-se dela assumindo a Alteridade como essência do gesto comunicativo. A Alteridade, sem cair em simplificações, uma vez que se trata de um conceito de grande riqueza e potencialidade, pode ser trazida ao contexto aqui pretendido pela ideia de Outridade, como fazem Freitas & Benetti (2017, p. 12). Para pensar o jornalismo, as autoras sintetizam a Outridade como um “modo de existência que resulta da articulação do ‘eu’ com a identidade do outro”. A discussão, sinalizam, abarca o repórter como “um ser no mundo”, sujeito relacional e em coexistência, que se transforma em “um ser no mundo com o outro” (p. 14). Na leitura que empreendem, concluem, o exercício do jornalismo permite uma Outridade relativa, uma vez que a Outridade plena é um terreno praticamente inalcançável. Mesmo em seu estatuto relativo, todavia, defendem que ela é já “um campo aberto de possibilidades para alcançar o conhecimento que se deseja ter sobre ‘o outro’” (FREITAS & BENETTI, 2017, p. 16), pois os sujeitos singulares em relação adentram no complexo das semelhanças e diferenças. O resultado é uma tensão que, postulam, “não resulta em equilíbrio, mas no balanço do que é diferente e semelhante, a cada vez que o ‘eu’ e o ‘outro’ se percebem” (p. 23).

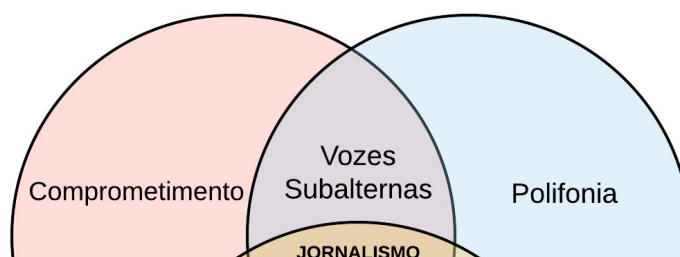
Para auxiliar no entendimento da relação entre os conceitos, proponho uma visão linear, sequencial, para perceber mais nitidamente em que momento eles se encontram. Claro que isso é um exercício para compreender os enlaces conceituais, que não necessariamente ocorrem assim na prática, podendo ser concomitantes. Parto, portanto, de um jornalista que se percebe enquanto um ser social implicado pelos acontecimentos. Após tomar conhecimento sobre uma situação até então silenciada - ou seja, não divulgada pelos veículos hegemônicos de comunicação -, e nesse momento o jornalista se sente na necessidade/obrigação de relatar isso da forma mais completa possível. Esse seria o primeiro ponto do Comprometimento, a ação determinada do intelectual.

Essa percepção, por sua vez, o leva a ouvir as vozes subalternas, as personagens até então ignoradas pelos outros jornalistas que se limitaram a relatar alguma versão dita oficial do acontecimento. É esse encontro que vai orientar o jornalista na construção da narrativa, que funciona como base para a apuração que desmascarará outras versões. Ao longo desse processo - que alguns podem chamar de contar a história dos vencidos - o jornalista questiona o papel de outras personagens - ou os “vitoriosos” - como o governo, a polícia, os investigadores, os políticos e os grandes veículos de comunicação, se perguntando também sobre a sua própria atuação. Aqui se dá a reflexão, provocada pelo diálogo ao acessar diversas vozes (Polifonia).

O jornalista passa a se perceber enquanto alguém que tem o conhecimento e as ferramentas, e logo, a responsabilidade de contar a história por ele acessada a partir do relato dos Outros. Para garantir que esse relato seja interpretado como uma das possíveis realidades, ele se vale de uma gama de informações e dados comprovados que sustentam a versão por ele redigida. Portanto, o jornalista se coloca como aquele que quer contar algo porque esse relato precisa ser revelado, e não apenas pelo interesse em contar o que chamam de “uma boa história”. Por escolher abordar até os mínimos detalhes e valendo-se de uma ambientação e contextualização profundas, ele então opta por um espaço maior. E nesse instante decide escrever um livro-reportagem, ou então, adaptar/ampliar a reportagem antes publicada em revista/jornal ao espaço do livro.

Esse diálogo entre o autor e as vozes das personagens, expressado no livro-reportagem, é possível pela ação comprometida do jornalista que se permite perceber o mundo a partir do olhar desse Outro, o que interfere, por sua vez, na compreensão do eu-jornalista e de sua função. Assim ele desenvolve um caminho que o leva à Outridade relativa. Essa relação conceitual está ilustrada na figura a seguir:

Figura 1 - relação conceitual



Fonte: Autora.

Desta forma, neste exercício de se ver no mundo com o outro, e agir para que as denúncias sociais dessas vozes subalternas sejam reverberadas, que o jornalista se dispõe a participar de um processo que olha para além das semelhanças, respeitando sobretudo as diferenças. E, ao revisitar o relato, o jornalista segue com o processo de reflexão, desenvolvendo uma consciência ainda maior de sua ação. Assim, enquanto jornalista e ser social, ele se encaminha para um cenário em que a Alteridade pode ser percebida no horizonte.

3. O jornalismo narrativo no contexto latino-americano

Vários debates se deram sobre a aproximação entre o jornalismo e a literatura na América Latina antes de alcançar o período dos anos 50 e 60 - que é o recorte temporal da presente dissertação. No Brasil, por exemplo, “a discussão sobre se um livro-reportagem tem atrelamento maior à literatura do que ao jornalismo vem desde a publicação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902” (BORGES, 2013, p. 206). Não penso como certo afirmar que Cunha tenha escrito um livro-reportagem, mas que o texto é resultado de um amplo processo de apuração de dados e fatos, narrados a partir da linguagem literária, isso é inegável. Portanto, esses autores do início do Século 20, movidos pela necessidade crítica, ou pela ambição de criar algo diferente, já anunciavam que o híbrido teria um caminho particular, tanto no Brasil como na América Latina.

Cunha, assim como Graciliano Ramos e João do Rio, entre outros, foram vanguarda e romperam os limites canônicos estabelecidos. Ao romper esses limites tais autores nos disseram sem dizer que comunicação é literatura e vice-versa. Arte menor, factual, o jornalismo não pode querer se igualar à literatura; deve, ao contrário, aprender com ela assim como tem aprendido com a história, a religião, os mitos e a filosofia. Aí está o seu valor de arte e de sabedoria. Quando o jornalismo aproxima-se da literatura, camuflando-se nela, não faz outra coisa senão mostrar todo o seu valor de arte híbrida, mestiça e complexa (CASTRO, 2010, p. 34-35).

Apesar da discussão ter sido realçada a partir de 1902, com diversas obras narrativas sendo publicadas por jornalistas desde então, apenas nos anos 1970 e 1980 que o chamado “jornalismo literário” experimenta grande sucesso no Brasil, inspirado no *New Journalism* de Truman Capote e sua novela de não-ficção, como afirma Borges (2013). Entretanto, não foi somente devido à qualidade narrativa da obra, mas pela oportunidade de esquivar-se da censura.

A chegada desse modelo se deu no Brasil em um contexto de repressão, floresceu estimulado pelo desejo de escapar às arbitrariedades que a ditadura militar brasileira impunha ao trabalho jornalístico. O gênero foi utilizado para fugir à censura nas redações de jornais. Os livros sofriam uma vigilância bem mais amena (BORGES, 2013, p. 260).

Mas antes de serem fenômenos no Brasil, os livros-reportagem já eram praticados em outros países latino-americanos. Jornalistas como Gabriel García Márquez, Rodolfo Walsh, Eduardo Galeano e outros tantos já experimentavam na década de 1950 a aproximação da literatura e do jornalismo em grandes reportagens, inclusive, Rodolfo Walsh é considerado por muitos pesquisadores latino-americanos como o precursor desse novo movimento que comumente é atribuído ao jornalista estadunidense Truman Capote, com a publicação de seu livro *A Sangue Frio*. A questão aqui não é debater quem teria iniciado o movimento, mas sim demonstrar que também ocorreu um novo encontro entre os campos da Comunicação e da Literatura nas produções de fôlego dos jornalistas latino-americanos nos anos 1950 e 1960, porém ela não é tão valorizada e conhecida quanto as obras participantes do chamado *New Journalism*. Isso teria ocorrido, segundo Jursich (2013, apud Puerta Molina, 2016), devido a grande popularidade das obras de ficção latino-americanas que se destacavam mundialmente, somado à censura aplicada pelos governos de diversos países latino-americanos na época.

Eu acredito que existe um segundo boom, mas não está mais na narrativa, mas em um lugar onde ninguém estava olhando e, neste caso, é no jornalismo narrativo, aquele que por falta de um título melhor chamamos de crônica. O primeiro boom já sabemos tudo o que aconteceu, foi um sucesso planetário, dois autores acabaram ganhando o Prêmio Nobel de literatura; mas com a crônica jornalística uma pergunta diferente está acontecendo. Não tenho dúvidas sobre sua importância em termos narrativos. O que

tenho é a dúvida sobre o quão popular é o gênero, há poucas pessoas praticando [...] e eu não vejo tantas pessoas lendo [...] e isso é impressionante porque livros desse estilo em países como os Estados Unidos foram *Best Sellers* (JURSICH, 2013, entrevista apud PUERTA MOLINA, 2016, p. 168, tradução da autora).

Por isso os livros de não ficção escritos por jornalistas latino-americanos passaram a ser mais conhecidos pelo grande público ao longo do processo de enfraquecimento das ditaduras a partir da década de 1970, pois por denunciarem, muitas vezes, crimes cometidos pelos governos eles não foram amplamente divulgados por medo da repressão e perseguição. A mágica atribuída aos escritos ficcionais de nobels da literatura também estaria presente nos livros-reportagem latino-americanos, contudo não pela aplicação de recursos estéticos, mas pelo olhar, de nossos jornalistas sobre os acontecimentos e os sujeitos, ser mais poético, creio que, para poderem falar de assuntos tão delicados com o devido respeito e cuidado que pensavam ser mais adequado, mas sem deixar de realizar as denúncias.

o jornalismo, por mais que se esforcem os aprendizes jornalistas formados segundo as clássicas escolas da Europa e dos Estados Unidos, também há de não ser o mesmo. Aqui, a realidade é mais literária, mais mítica, mais mágica; o olhar sobre o mundo é mais poético. Por isso, no Brasil, como na Argentina, no México, na Colômbia e em toda a América Latina, as condições para que floresça um tipo específico de jornalismo literário parecem propícias (DRAVET, 2013, p. 85).

Em diferentes países da América Latina, portanto, alguns marcos da produção híbrida de jornalismo e literatura permitem ver confluências e pensar que o advento dessas narrativas, em suas singularidades e em suas aproximações, abre espaço para uma teoria a ser construída acerca desse jornalismo, em termos de suas sincronias, sua ética, sua poética e sua dimensão estética. Como propõe Osório Vargas (2017, p. 139, tradução da autora),

O nascimento do jornalismo literário latino-americano, nas mãos de intelectuais excepcionais, mostrou o caminho para dignificar essa atividade, que, como prática social e de construção, é o local ou campo intelectual a partir do qual sua teoria é moldada.

O fôlego narrativo e o esforço intelectual empreendido por jornalistas como Antônio Callado, Gabriel García Márquez, Rodolfo Walsh e Elena Poniatowska, compõe uma cartografia do que Herrscher (2013, p. 19, tradução da autora) chama de “histórias verdadeiras” ao nomear o jornalismo narrativo. São histórias que têm a capacidade de nos meter “no coração deste mundo ao nosso redor³”. E esse seria o ponto em que o jornalismo narrativo desenvolvido na América Latina transcende a prática do híbrido - aqui entendido como uma mistura, uma conversa entre as técnicas e procedimentos - do jornalismo e da literatura experimentado em outros lugares no mundo. O transcender está no posicionamento do jornalista, na denúncia e na tentativa de provocar reflexão, ou seja, no Comprometimento que só foi instigado pelos contextos social, histórico e político em que esses jornalistas estavam inseridos. Herrscher ainda completa:

É este mundo que nos é mostrado, são pessoas reais que falam. E é o confronto de um escritor-repórter com um mundo externo que não pode mudar nem moldar à vontade ou de acordo com suas idéias. Bem praticado, o jornalismo narrativo é profundamente ético. (HERRSCHER, 2013, p. 20, tradução da autora).

É nessa esteira que se faz possível pensar em termos de uma poética, de uma estética e da ética do jornalismo narrativo, esta última como construto do relato, só possível se puder existir o “momento em que vemos o outros como ser humano”, quando “não há como voltar atrás” (HERRSCHER, 2013, p. 31, tradução da autora) e a narrativa se tece como produto da observação atenta, da escuta do jornalista, mas também pelas “vozes, as lógicas, as sensibilidades e os pontos de vista dos outros” (HERRSCHER, 2013, p. 30, tradução da autora). O autor colombiano elenca cinco aspectos que definem um bom jornalista narrativo

a voz, a visão dos “outros”, a maneira como as vozes ganham vida, os detalhes reveladores e a seleção de matérias, cortes e abordagens. Há muito mais, mas acho que são elementos básicos que fazem com que certas histórias verdadeiras nos toquem, nos golpeiam, nos acariciam e assumam nossa memória. (HERRSCHER, 2012, p. 28, tradução da autora).

³ [...] en el corazón de este mundo que nos rodea.

Ao falar em jornalismo narrativo na América Latina considero acrescentar um sexto aspecto na definição apresentada pelo autor argentino: a autorreflexão. A partir do encontro com o Outro, dos detalhes que passam a ser conhecidos sobre o acontecimento e da forma que essas memórias são transmitidas ao leitor, o jornalista vivencia um importante, mas conflituoso, momento de transformação, pois não só questiona o que foi propagado por seus colegas de profissão e como, ele também analisa sua própria atuação e os possíveis efeitos causados pelo fazer jornalístico - ou pela falta dele -, além de ponderar sobre sua relação no mundo com o Outro.

Na produção da reportagem ampliada, especialmente no formato de livro, temos demarcada a importância da observação como primeira aproximação da realidade, desencadeando sucessivos gestos para chegar a uma compreensão de acontecimentos e realidades, ingressar nas comunidades, como defende Osorio Vargas (2017, p. 6, tradução da autora), “para conhecer o ponto de vista da própria gente, ou seja, conhecer a leitura que essas pessoas fazem da realidade”. A experiência-vivência do repórter permite alcançar uma complexidade sobre o social, ou seja, relatos que sejam fruto do esforço de compreensão dos sujeitos e pelo gosto emanado de um jornalista que observa seus próprios sentimentos e julgamentos. (OSORIO VARGAS, 2017, p. 12). Ao propor um entendimento do jornalismo narrativo, em especial pelo método que o origina, reflete:

A reportagem literária é uma palavra viva; por isso, quando Tolstói disse: "Pinte sua aldeia e você será universal", ele nos mostrou o caminho da profunda humanização para encontrar o geral no particular e retratar o cotidiano; só que o chamado retrato não pode ser uma mera fotografia, deve ser um retrato brilhante e original do momento histórico em que vivem as pessoas de quem falamos, onde fluem a cultura e as realidades sociais. (OSORIO VARGAS, 2017, p. 22, tradução da autora).

Em diálogo com o pesquisador colombiano, nos escritos do autor argentino, encontro uma proposição complementar:

Os grandes textos narrativos do jornalismo têm, penso, uma enorme ambição oculta. Eles não procuram apenas informar, entreter ou ensinar alguma coisa. Eles buscam o maior objetivo ao qual uma escrita pode aspirar: que o leitor mude, cresça, conheça não apenas uma parte do mundo que ele não conhecia,

mas acaba conhecendo uma parte de si mesmo que não havia frequentado.
(HERRSCHER, 2013, p. 36, tradução da autora).

Para propor a mudança a partir de um texto, o jornalista provavelmente carrega consigo uma carga cultural e social que o instiga a exercer esse papel de intelectual preocupado com as situações ao seu redor. Sem a intenção de analisar o jornalismo narrativo latino-americano a partir da comparação com o *New Journalism*, ainda assim sinto a importância de pontuar que um dos principais afastamentos entre eles é o contexto social, político, econômico e histórico dos países. Diante das conjunturas nas décadas de 50 e 60 na América Latina, os jornalistas optaram por um jornalismo de fôlego que possibilitasse uma denúncia mais perene em relação aos acontecimentos, para que não fossem esquecidos, e principalmente para que não voltassem a se repetir.

Desse modo, a categoria de Comprometimento, pensada sob a luz da Outridade, num horizonte amplo da Alteridade - estabelecida no diálogo polifônico de distintas vozes sociais - como projeto -, e do reconhecimento como gesto gerador de toda situação comunicacional plena, remetem a um fazer que mescla arte, na expressão de uma forma, de uma estética e de uma poética, com um dizer ao lado do outro – ao menos como intencionalidade/tentativa – e ao ofício, no sentido de uma expressão que ao meu ver desenha, conceitual e operativamente, traços próprios do jornalismo narrativo desenvolvido na América Latina nos anos 50 e 60.

Referências

AMAR SANCHEZ, Ana Maria. **El relato de los hechos** – Rodolfo Walsh: testimonio y escritura. 1ª ed. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1992.

AMAR SANCHEZ, Ana Maria. La Propuesta de una escritura. **Revista Iberoamericana**, vol. LII, nº 135-136, Ed. Abril-Setembro de 1986. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/4213/4381>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

AMAR SANCHEZ, Ana Maria. La ficción del testimonio. **Revista Iberoamericana**, vol LVI, n 15, abr – Jun. 1990. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/4724/4886>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Ed. 4. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Ed. 12ª. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski e estudos de linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário** - análise do discurso. Série Jornalismo a Rigor. Vol. 7. Florianópolis: Insular, 2013.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. Ed. 4. São Paulo: Contexto, 2007.

BRAIT, Beth. **Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo** (dez obras fundamentais). In: Guia bibliográfico da FFLCH. São Paulo: FFLCH/USP, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/002783877>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

DRAVET, Florence Marie. Por um jornalismo latino-americano realista, literário e mágico: uma leitura das crônicas de Gabriel García Márquez. **Logos: Dossiê Realidade e Ficção**. Edição 38, vol. 20, n. 1, p. 73 - 85 , 1º semestre. UERJ: Rio de Janeiro, 2013.

FREITAS, Camila. Alteridade e Jornalismo: a Outridade na editoria Mundo da Folha de S. Paulo. 2017. 124 p. (Dissertação - Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FREITAS, Camila; BENETTI, Marcia. Alteridade, Outridade e Jornalismo: do fenômeno à narração do modo de existência. **Brazilian Journalism Research**, v. 13, n. 2, p. 10-29, ago. 2017. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/989/930>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

HERRSCHER, Roberto. **Periodismo narrativo: cómo contar la realidad con las armas de la literatura**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2013.

KÜNSCH, Dimas A.; AZEVEDO, G. F., BRITO, P. D., MANSI, V. R. (Org.). **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2014. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/04/E-book-Comunica%C3%A7%C3%A3o-Di%C3%A1logo-Compreens%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a Comunicação**: contatos antecipados com a Nova Teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem: reflexos e reflexões na memória do repórter**. São Paulo: Summus, 2014.

MEDINA, Cremilda. Deficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. **Matrizes**, ano 2, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/181/303>. Acesso em: 11 mai. 2019.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

OSORIO VARGAS, Raúl Hernando. **El reportaje como metodologia del periodismo** - Una polifonia de saberes. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2017.

PUERTA MOLINA, Andrés Alexander. Crónica latinoamericana: ¿Existe un *Boom* de la no ficción? **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, vol. 23, n. 1, p. 165 - 178, 2017. ISSN-e: 1988-2696. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5209/ESMP.55589>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

WALSH, Rodolfo. **Operação massacre**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.